

No contexto da nossa última palestra ocorreu a seguinte frase; o nosso intelecto é o campo no qual ocorrem variações sobre o tema do Cristo. Antes de convidar os senhores para uma consideração mais demorada dessa frase, quero relembrar como ela surgiu na conversação que somos. O nosso intelecto tem sido definido como realização da conversação ocidental, que é, por sua vez, um desenvolvimento de mitos, cuja confluência é a figura do Cristo. E o nosso intelecto tem sido definido, em outro contexto, como campo no qual ocorrem frases. As frases que perfazem a conversação ocidental são variações sobre o tema proposto no mito central do Cristo, e o nosso intelecto é, em consequência, o campo no qual ocorrem frases desse tipo. O tema do Cristo tem sido definido como uma hierofania, um aparecer e resplandecer do sacro, na forma de sujeito a ser predicado para ser objetivado, em outras palavras na forma das línguas flexionais, ou, como diz o cristianismo, na forma do verbo incarnado. Dizendo portanto, como estamos, que o nosso intelecto é o campo no qual ocorrem variações sobre o tema do Cristo, estamos, com efeito, afirmando, que o nosso intelecto é o campo no qual as línguas flexionais se realizam. As línguas flexionais são uma hierofania que fazem aparecer e resplandecer o nada em forma de sujeito predicável em direção a um objeto. As línguas flexionais são uma hierofania em forma de palavras flexíveis, em forma de logoi. E o logos de todos os logoi, o verbo de todos os verbos, o nome próprio de todos os nomes, é o Cristo. O intelecto pode ser portanto definido como o campo de palavras reduzíveis à palavra "Cristo". E o método dessa redução, a lógica, que chamei em outro contexto de dúvida, pode ser, neste contexto, definido como a procura do Cristo. Em outras palavras: como seres pensantes ocidentais que somos duvidamos do Cristo, e nessa dúvida realizamos o projeto que nos jato para cá no jato do mito "sujeito-objeto". Confesso que esta formulação me custou muito suor, sangue e lágrimas. Trata-se de um jogo de palavras, mas não defini o intelecto justamente como campo desse jogo? Sugiro aos senhores, com uma mistura de orgulho e humildade, que ~~me parece~~ a partir dessa formulação deve ser possível construir uma axiologia, uma teoria dos valores do Ocidente. E que a famosa transvalorização dos valores, iniciada por Nietzsche e transferida, embora destorcida, para o campo da ética aplicada no século vinte com as conhecidas consequências nefastas, não passa de uma tentativa frustrada, por impossível ab initio, de um abandono do projeto que somos. E com esta observação entro medias in res e passo a considerar aquilo que me parece ser os valores fundamentais do Ocidente.

Para tanto devo voltar, se bem que a contragosto e com temor e tremor, para a consideração da morte. O que vem a ser a morte no nosso projeto? Direi provisoriamente que a morte é o aniquilamento do sujeito, e que a morte é certa. De passagem, e antes de toda defesa dessa definição provisória, seja dito que este conceito da morte caracteriza o Ocidente e o distingue radicalmente de todas as conversações que nos são alheias. Enquanto que o Ocidente pode ser descrito como uma única gigantesca fuga da morte certa e do conseqüente aniquilamento certo do sujeito, e todas as religiões ocidentais podem ser descritas como tentativas de superar essa certeza e esse aniquilamento, o Oriente Extremo pode ser descrito como uma fuga da reencarnação certa e como tentativa de alcançar o aniquilamento. Isto porque o sujeito não representa lá, como o representa aqui, o centro do projeto. Isto de passagem. Repito que a morte é o aniquilamento do sujeito e que o sujeito está no centro da nossa hierofania, do nosso mito. Posso portanto dizer que a morte é o aniquilamento do nosso projeto. O fato da morte torna absurdo o nosso projeto e a contemplação da morte abre uma abertura pela qual vislumbramos essa absurdidade. Essa abertura, essa decisão para a morte, desvaloriza o nosso projeto. Se nos resolvemos para a morte, se somos autênticos dentro do nosso projeto, (e esta é a nossa única autenticidade), então tudo que somos e tudo que nos é dado carece de valor, é fútil. Nessa situação autêntica toda discussão de valores, toda ética, deve ser relegada para o campo da conversa fiada. Mas esse próprio relegar dos valores para a conversa fiada, não seria ele a suprema inautenticidade? Não seria este tipo de resolução para a morte o mais extremo dos suicídios, justamente por ser surdo e mudo? Enfim, não seria desonesto? Embora a passagem pela situação que acabo de esboçar seja um estágio necessário no caminho rumo aos valores, é um estágio a ser superado. E preciso, dentro do nosso projeto, admitir a absurdidade de tudo desvendada pelo fato da morte, mas é preciso quand-même, é preciso a despeito diato, continuar conversando. Ouso portanto afirmar, que esta conversação continuada quand-même, que esta superação absurda da morte e esta afirmação absurda do sujeito, é a fonte de todos os valores do Ocidente. Em outras palavras: a imortalidade do sujeito a despeito do seu aniquilamento certo na morte é o supremo valor do Ocidente.

2-  
vindo os senhores se aprofundar comigo um instante no conceito da imortalidade. A imortalidade como superação da morte é a superação do aniquilamento certo do sujeito. A imortalidade não tem, portanto, nada a ver com a vida, não é "a vida eterna". Com efeito, o conceito da vida eterna é estranho ao projeto do Ocidente, e se o cristianismo emprega o termo, deve ser claro que não pretende com esta designação algo mesmo remotamente ligado à biologia. Imortal é, para o cristianismo, aquilo que chama de "alma", um conceito que discutirei mais tarde. E verdade que, persistentemente, vestígios de mitos estranhos ao Ocidente ou recalçados por ele invadem a nossa conversação, e que estes vestígios incluem o mito da vida eterna. Como exemplo cito o espiritismo em suas múltiplas formas, e as tendências ultimamente acentuadas de entrar em contacto com a Índia e o Extremo Oriente. Mas, do ponto de vista do nosso projeto, trata-se de conversas fiadas, de tentativas inautênticas de fugir à morte. Nós, como participantes da conversação ocidental, não superaremos a morte nem em sêances ou candomblês, nem em sâteri ou pela jnana yoga, mas somente resolvendo-nos para ela. A imortalidade como valor supremo do Ocidente é fruto da nossa resolução (Entschlossenheit) para a morte certa. A imortalidade é a negação da vida, exatamente por ser uma negação da morte, essa meta certa da vida.

Sócrates, em sua resolução para a morte, pretende, não muito convincentemente, duvidar da imortalidade. Mas a admite como possibilidade, da qual sentimos que está convencido, e a descreve como uma conversação continuada quand-même. O céu cristão, este campo da imortalidade, é descrito como o lugar aonde os anjos cantam, enquanto que o inferno, este campo da morte, é descrito como o lugar do gemer e do bater de dentes. Em outras palavras, o céu é a conversação a despeito da morte, a conversação quand-même, enquanto que o inferno é a decadência definitiva na conversa fiada. Estes dois exemplos ilustram a identidade entre imortalidade e conversação quand-même. E ao mesmo tempo permitem estes dois exemplos uma apreciação da imortalidade num clima não-religioso, embora inevitavelmente permeado, como toda consideração ética, do aroma religioso. A imortalidade como conversação quand-même, como conversação a despeito da morte certa do sujeito, é o supremo valor do Ocidente, porque torna inócua, para não dizer desinteressante a morte. Darei um exemplo daquilo que tenho em mente. Platão participa da imortalidade, porque participa da conversação quand-même. A morte de Platão como aniquilamento da vida de Platão é um fato inteiramente inócua e desinteressante para essa conversação quand-même. Dentro dessa conversação Platão continua efetivo, portanto imortal. Continua sendo Platão, continua conservando a sua individualidade. Certas frases da conversação ocidental têm um aroma característico, que chamamos de platônico, e nessas frases Platão continua efetivo. E estas frases, que se modificam constantemente dentro dos intelectos, os quais, em seu conjunto, perfazem a conversação ocidental, essas frases são a imortalidade de Platão. Podemos portanto dizer que Platão superou a morte certa, que conservou a sua individualidade dentro do conjunto da conversação do Ocidente. Platão é um exemplo da imortalidade do sujeito.

Conversar autenticamente, isto é conversar a despeito da morte e com resolução para a morte, significa portanto participar da imortalidade. Ao conversar me realizo, isto é, torno-me imortal. E quanto mais converso, tanto mais inteiramente me immortalizo. A imortalidade é minha tarefa, é meu supremo engagement, ao qual estou dedicado ininterruptamente, se é que sou autêntico, isto é, se existo autenticamente. A existência autêntica é a realização ininterrupta da imortalidade. Neste sentido posso me aventurar a definir o que as religiões pretendem com o termo "alma". A minha alma é a soma das minhas participações na conversação, é portanto a soma das minhas imortalidades. A alma é portanto um conceito dinâmico, e podemos conceber almas pequenas e grandes. As religiões ensinam que as almas não nascem nem morrem mas vêm do céu para voltarem para ele enriquecidas. Isto é uma maneira mitológica de dizer que o intelecto está contido no projeto da conversação e que se realiza nela. A conversação pode ser descrita como a soma das realizações de todos os intelectos, portanto como a soma das imortalidades, como a sociedade de almas. A conversação ocidental, superação da morte que é, é idêntica ao céu das religiões ocidentais e a conversa fiada, decadência para a morte que é, é o inferno. O nosso eu, contido no projeto da conversação ocidental, se immortaliza dentro desse projeto realizando-o, participando dele. A nossa vida e a nossa morte não passam de acidentes desprezíveis e desinteressantes desse processo, acidentes dos quais podemos conversar autenticamente em certas camadas da conversação, mas que são superados na camada ontológica da conversação, e desta forma relegadas à conversa fiada.

É evidente que a imortalidade, concebida assim, está intimamente ligada ao

do projeto. Somos imortais como participantes da conversação ocidental, e a cessação dessa conversação seria o nosso aniquilamento. Seria um aniquilamento ontologicamente toto coelo diferente da morte, por ser um aniquilamento em camada ontológica totalmente diferente. Mas, embora se trate aqui de uma aparente limitação da nossa imortalidade, essa limitação é somente aparente. Porque a conversação ocidental é a fonte de todas as nossas realidades. A cessação da conversação ocidental é portanto algo inconcebível para os nossos intelectos, é uma frase sem significado, um mero ruído. Especulações sobre o fim da conversação ocidental, portanto sobre o fim da realidade, especulações quiliásticas que são, não podem autenticamente participar da conversação, são inautênticas, são metafísicas no sentido pejorativo desta palavra. A nossa imortalidade está ligada ao nosso projeto, que é a conversação ocidental, e isto não é uma limitação, mas sintoma de sua autenticidade. A imortalidade, concebida assim, deixa de ser um mero ruído, para tornar-se um conceito intelectualmente manipulável, portanto para tornar-se realidade. Com efeito, torna-se realidade num sentido mais profundo que a realidade dos conceitos "vida" e "morte", já que participa de uma camada de significado mais profundo. Digo isto com todas as reservas mentais que introduzi na discussão da relatividade das camadas, e da relatividade da autenticidade. Voltarei a discutir essa relatividade, agora enriquecida pelo conceito da imortalidade, numa palestra futura.

Disse que a imortalidade é o supremo valor do nosso projeto, que é ela, introspectivamente, a tarefa à qual somos engajados, e extrospectivamente a razão de ser da conversação do Ocidente. E disse que a imortalidade é a superação do aniquilamento do sujeito. Cabe perguntar agora como a conversação, que é a imortalidade, supera esse aniquilamento. O processo está prefigurado no prefixo "com" da palavra "conversação". Ao analisar essa palavra, concentrei os meus esforços propositalmente sobre a sua segunda parte, sobre o verso. Agora cabe analisar o prefixo. A conversação como criação de realidades é uma crítica de versos. Mas a conversação como imortalidade é uma fusão, uma penetração, um ~~permanente~~ contínuo de versos por versos. As minhas frases, com as quais participo da conversação, penetram continuamente outros intelectos, participam de outros intelectos, e, ao realizar-se, realizam outros intelectos, e é assim que me imortalizo. E o meu intelecto é a realização de frases que são imortalidades de outros. Se existo, existo graças à imortalidade de outros. A minha existência é a prova da imortalidade de outros, e, pelo método introspectivo, descubro esses outros imortais em mim, e nada mais descubro. Estes outros são imortais justamente porque eu existo, e eu sou imortal porque realizo outros. Este é, ao meu ver, o verdadeiro significado ontológico do termo "o outro", este é, ao meu ver, o verdadeiro significado do "Mitsein". O outro se realiza em mim, portanto admite a minha individualidade, reconhece a minha individualidade, sem perder a sua. As frases platônicas são parte integrante de mim, sou o que sou graças a elas, mas não deixam de ser platônicas por isto. Pelo contrário, justamente por permitirem que eu seja eu, continuam platônicas essas frases. Pois bem, existe uma palavra que denomina este tipo de penetração, esse processo no qual o sujeito reconhece outro sujeito ao se fundir com ele, conservando ao mesmo tempo a sua própria individualidade. Chama-se "amor" essa palavra, mas, ao pronuncia-la, sinto todas as suas múltiplas conotações que a ela se agarram, e receio de ser mal compreendido. Gostaria que, nesta nossa conversação, a palavra "amor" conservasse todas as belas e sacras conotações que carrega consigo nas outras camadas de significado, sem arrastar, simultaneamente, os contextos biológicos, psicológicos e religiosos dentro dos quais cresceu. Mas sei que se trata de um esforço de tradução vertical que ultrapassa as nossas capacidades. Com este perigo em mente afirmo, portanto, que é pelo amor que nós nos imortalizamos. Que, no nosso projeto, o amor é o valor fundamental correlato ao da imortalidade. E que é neste sentido que devemos interpretar o verso "omnia vincit amor" (o amor vence a morte).

Sartre diz que o inferno são os outros. Mas creio que com esta frase quer caracterizar o clima da inautenticidade, da conversa fiada. Se tenho razão com a minha argumentação, os outros são o céu, já que os outros são o campo no qual me imortalizo. Em outras palavras: se sou autêntico, se converso autenticamente, isto é se amo os outros, os outros são a minha imortalidade. Se decaio na conversa fiada, isto é se não reconheço os outros, se sou um saiauí, os outros são a minha morte. Mas a frase: os outros são o céu é de tal maneira problemática que clema violentamente por uma definição do conceito "o outro". E eis-me num belo círculo vicioso. Porque é evidente que o outro é aquele que reconheço como tal, portanto o outro é aquilo que amo. Defini, numa palestra anterior, o outro como aquilo com que converso. Ambas as definições são equivalentes. Confesso desde já que não sei como romper intelectualmente este círculo vicioso, e que esta minha incapacidade é fonte de uma constante confusão ética da qual sou vítima. O man

...to "ame o teu próximo", que é, conforme creio ter mostrado, um verso básico da nossa conversação, é, para mim, circular, pelo menos intelectualmente falando. Porque se reconheço o meu próximo como tal, é este próprio reconhecimento já implica amor, e se não o reconheço, como amá-lo? Por exemplo: reconheço como meus próximos os que participam da conversação filosófica. São meus próximos porque se imortalizaram em mim, e eu existo graças a eles. Mas ao reconhecê-los assim, já não os estou amando? Aliás, ao dizer "ame o teu próximo como a ti mesmo" o verso ~~mesmo~~ admite que em última análise o amor é sempre um amor a si mesmo, como o meu exemplo demonstra. Mas o mandamento ~~me~~ manda amar igualmente aqueles pseudo-intelectos dos quais falei na última palestra e que não são parceiros da minha conversação. Mas intelectualmente sou incapaz de reconhecer meus próximos neles, embora admita, se premido, certo paralelismo entre a conversa fiada na qual estão empenhados ~~com~~ a conversação da qual participo. Como amá-los, já que não os reconheço? Este me parece ser o mais diabólico aspecto da relatividade da autenticidade. Por serem, para mim, inautênticos esses intelectos, sou eu, face a eles, um salaud, não os amo. Não posso me imortalizar neles, não posso conversar com eles, e neste sentido decaio, face a eles, rumo à morte. Repito que o círculo vicioso no qual estou girando é intelectual, e não tem saída, e não ser por queda vertical dentro da fé, seja ela cristã, seja ela derivada do cristianismo como o é o marxismo. E como sei da inautenticidade dessa queda, sou frustrado na minha tentativa de empreender o mergulho.

Feita esta confissão, à qual me vejo forçado por honestidade, embora seja ela extremamente penosa para mim, posso, já agora, identificar autenticidade com capacidade para o amor. O maior dos pecados mortais da Igreja medieval é a tristeza e preguiça do coração, a total incapacidade para o amor. É a total inautenticidade, como diríamos nós modernamente. Na situação da tristeza do coração está justamente aquele que não se resolve para a conversação quand-même, que não se empenha na superação da morte, que não ama. Todo engagement autêntico é uma superação desse pior dos pecados. Mas todo engagement autêntico é um engagement quand-même, um engagement que passou pelo estágio da tristeza do coração. Essa passagem marca o engagement autêntico indelévelmente, e o distingue do pseudo-engagement chamado fanatismo. Porque o fanatismo, esse mergulho para dentro da conversa fiada, está fechado para a morte, enquanto que o engagement autêntico, participando da conversação, está sempre aberto para ela. O engagement autêntico, o engagement quand-même, é sinônimo do amor no sentido acima elaborado. É uma busca da imortalidade no reconhecimento do outro. Como vêm os senhores, é possível construir toda uma escala de valores a partir do ponto zero, que é a resolução para a morte, e o lado positivo dessa escala representaria a busca da imortalidade quand-même pelo amor, isto é pelo engagement na conversação, e o lado negativo dessa escala representaria a queda para a morte, uma das ~~suas~~ formas seria o fanatismo, isto é a dissolução na conversa fiada.

Mas a construção dessa escala de valores, por tentadora que seja e por satisfatória que seja a sua aplicação na prática, esbarra contra a relatividade das camadas de significado. Devemos confessar que é possível construir tantas escalas de valores, quantas camadas de significado. Em outras palavras: cada realidade com sua escala de valores. Mas creio que podemos salvar um ponto absoluto nesta relatividade geral: o ponto zero. A resolução para a morte, a abertura para o nada portanto, é o ponto de partida para toda hierarquia ética dentro do projeto ocidental. E com esta consideração volto à pergunta inicial desta palestra: o que vem a ser a morte no nosso projeto? E passo a defini-la: A morte, por ser o aniquilamento do sujeito, é uma abertura do nosso projeto para o nada, uma abertura que desvenda o nada éticamente, isto é praticamente, em outras palavras: uma abertura que desvenda a absurdidade do sujeito, e com isto do nosso projeto. E essa abertura é o ponto a partir do qual se desfraldam os nossos valores. A resolução para a morte é a resolução para a aceitação do nosso projeto em toda a sua absurdidade, é a resolução para a aceitação da hierofania sujeito-objeto-predicado em toda a sua absurdidade. Em breve: a morte é a abertura a partir da qual me engajo na conversação das línguas flexionais, ou, reformulando: a morte é a revelação do sacro que se supera (aufhebt) pelo verbo, pelo Cristo.

Disse que o nosso intelecto é o campo no qual ocorrem variações sobre o tema do Cristo. Creio que a esta altura do argumento a minha frase adquire o pleno significado que pretendia dar-lhe. Significa ela que o intelecto é o campo no qual ocorrem variações sobre o tema da superação da morte. Significa que o intelecto é o campo do amor, do reconhecimento do outro. Significa que o intelecto é o campo das variações sobre o mito do sujeito, o mito do verbo. Enfim, significa, no contexto ético, o que disse no contexto ontológico: o intelecto é o campo das frases de línguas flexionais, e no contexto epistemológico: ele é o cam-

vem os senhores; o aspecto ontológico do nosso mito do Cristo, o pensamento. O aspecto epistemológico é a dúvida, o método lógico, o aspecto ético do nosso mito é o amor, a superação da morte. Ou, para recorrer novamente ao paralelo melanésio da última palestra, à dança da batata doce: a civilização ocidental é uma dança ritual em redor do verbo, e culmina na frase "Tudo é verbo". O verbo como pensamento é nossa realidade, o verbo como dúvida é nossa verdade, e o verbo como amor é nossa imortalidade. Esta é a nossa festa, este é o nosso entusiasmo, enfim este é o projeto que somos.

Falei, em todo o curso desta palestra, a respeito daquilo que nos é mais sagrado. Julguei portanto necessário tocar em surdina o meu instrumento, para evitar que esta palestra se transforme em elegia. Se ofendi, em algumas passagens, a sua sensibilidade religiosa, deve-se essa ofensa a esta resolução minha. E, além do mais, creio inevitável uma certa leviandade face ao sacro, leviandade essa inerente ao pensamento reflexivo. Afinal, pensar é desacralizar, é ritualizar mitos. Mas senti, em todo o curso do argumento, o peso dessa leviandade, (se me posso expressar assim contraditoriamente, para ilustrar a situação absurda do pensamento). Em outras palavras, senti o absurdo da dúvida. Mesmo assim, tenho certeza que os senhores descobriram ser esta palestra um canto de louvor ao amor intelectual, quase no sentido que Spinoza dá a esta palavra. E com esta observação reintegro esta corrente de pensamentos na conversação filosófica tradicional, e cabe aos senhores julgar se ela representa um desenvolvimento dessa conversação, abrindo-lhe novas perspectivas, ou se não passa de uma repetição nojenta de lugares comuns repisados. Cabe aos senhores julgar a autenticidade desta palestra. Quanto a mim, submeto-me de bom grado ao seu julgamento, já que tinha que confessar a minha incapacidade de sair do meu círculo éticamente vicioso. E por esta razão que ~~tenho~~ logo no início deste curso de palestras, que se tratava de conferências, e não de aulas. Nada tenho a ensinar, e tudo a apreender, já que nada encontrei e tudo estou procurando. As próximas palestras abrirão uma nova estrada de procura, a última deste curso tão cheio de surpresas para mim, e portanto tão satisfatório intelectualmente.